

## O CONCEITO DE GEOGRAFIA COMO UMA CIÊNCIA DO ESPAÇO, DE KANT E HUMBOLDT PARA HETTNER<sup>1</sup>

RICHARD HARTSHORNE  
Universidade de Wisconsin

### O PROBLEMA

Inúmeros geógrafos que, recentemente escreveram sobre natureza e abrangência deste tema, afirmam que a relação entre esse campo e outros campos da ciência tem suas bases conceituais em Immanuel Kant e Alexander von Humboldt. Por mais que seja essa a fonte original do conceito, sua importância dentro dos ramos do pensamento geográfico tem origem nos escritos de Alfred Hettner, o mestre alemão da metodologia da Geografia. Não estamos, agora, preocupados com a validade do conceito, que de maneira alguma depende de quem o tenha proposto e o defendido<sup>2</sup>. Este artigo se situa como um estudo da história do pensamento geográfico e interessa-nos a possível origem, ou origens, do conceito e sua significação para a Geografia durante o último século e um meio.

A primeira e breve afirmação feita por Hettner sobre o conceito apareceu inicialmente em seu artigo dedicado à metodologia em 1895, no *Geographische Zeitschrift* (Revista Geográfica), periódico que ele editou durante quarenta anos. Notando que o objeto de estudo da Geografia

---

<sup>1</sup> Tradução de Antonio Elísio Garcia Sobreira, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia e Eliseu Savério Sposito, geógrafo e pesquisador CNPq, ambos da UNESP, campus de Presidente Prudente. Tradução dos trechos em alemão por Ruth Kunzli, geógrafa da UNESP, campus de Presidente Prudente.

<sup>2</sup> Uma tentativa foi feita para arruinar a validade do conceito desafiando a legitimidade de suas origens presumidas através de Fred K. Schaeffer, "Exceptionalism in Geography", *Anais*, Associação dos Geógrafos Americanos, Vol. 43 (1953), pp. 232-35. Por meio de uma detalhada e documentada demonstração dos erros e distorções nas quais esta tese é baseada, v. Richard Hartshorne, "'Exceptionalism in Geography' Re-Examined", *Anais*, Associação de Geógrafos Americanos, Vol. 45 (1955), pp. 218-24. O desafio de Schaeffer foi estímulo que conduziu o presente artigo; este não é o estudo que se refere à proposição em "Preface of Two Papers", *Ibid.*, pp. 205-6. O segundo artigo que considera a validade do conceito de Hettner junto com várias outras perguntas relativas à metodologia da Geografia será publicado brevemente como uma monografia nas novas séries pela Associação dos Geógrafos Americanos em cooperação com Rand, McNally and Co.

deveria considerar uma vasta diversidade de fatos e pondo em dúvida se ela poderia ser unida em uma única ciência, escreveu:

Se nós comparamos as diferentes ciências encontraremos em muitas delas a unidade através de seus objetos estudo, enquanto que em outras ciências a unidade ocorrerá através do método de estudo. A Geografia pertence a um grupo posterior; sua unidade está em seu método. Do mesmo modo que História e Geologia histórica consideram o desenvolvimento da raça humana ou da Terra em termos de tempo, a Geografia parte do ponto de vista de suas variações espaciais<sup>3</sup>.

Hettner publicou uma explicação completa de seu conceito uma década mais tarde, especialmente em um artigo em que analisa o sistema das ciências no *Preussische Jahrbücher*<sup>4</sup> (Anais Prussianos), um pouco menos profundo, mas parte do que viria a se tornar um de seus mais famosos documentos metodológicos publicados em seu próprio periódico, *Das Wesen und die Methoden der Geographie*<sup>5</sup> (As características e os métodos da Geografia). Em contraste com as "ciências sistemáticas" que estudam cada categoria particular dos fenômenos, seja da natureza ou do homem, os estudos históricos ou das ciências cronológicas associam diversos fenômenos em períodos particulares de tempo ou que, através deles, tiveram seu desenvolvimento, ou as ciências espaciais e corológicas que estudam as associações de diversos fenômenos separados no espaço ou áreas. Neste sentido, as ciências históricas incluem Geologia histórica, Pré-história e a própria História (a História das pessoas alfabetizadas). As ciências do espaço incluem a Astronomia e a Geografia e agora nós podemos adicionar a Geofísica. Nenhuma ligação estreita ou absoluta pode ser feita entre os três grupos, pois em muitos casos há superposição de estudos, mas o ponto de vista é basicamente diferente em cada caso.

---

<sup>3</sup> Alfred Hettner, "Geographische Forschung und Bildung", *Geographische Zeitschrift*, Vol. 1 (1895), pp. 7-8.

<sup>4</sup> "Das System der Wissenschaften", *Preussische Jahrbücher*, Vol. 122 (1905), pp. 251-77.

<sup>5</sup> "Das Wesen und die Methoden der Geographie", *Geographische Zeitschrift*, Vol. 11 (1905), pp. 549-53.

Na seqüência deste artigo, seguiram-se outros dois, imediatamente; em 1905, outro geógrafo alemão, Schlüter, desafiou o conceito<sup>6</sup>, mas Hettner pôde mostrar a partir do mesmo artigo que Schlüter tinha chegado essencialmente à mesma conclusão<sup>7</sup>. Na década seguinte, o conceito de Hettner foi amplamente conhecido e aceito entre os geógrafos alemães. No seu ensaio inicial em Edimburgo (1908), Chisholm consolidou suas concepções através do conceito oferecido por Hettner<sup>8</sup>. Em 1921, Michotte, na Bélgica, baseou sua orientação nos posicionamentos de Hettner que definiu por “*la classification habituelle*”<sup>9</sup>. Mas em nenhum outro caso esse conceito foi adotado em outros países. Mesmo depois da publicação do exemplar sobre metodologia da Geografia de Hettner, em 1927, que foi amplamente aclamado em outros países, pouca atenção foi dispensada em relação ao aperfeiçoamento do conceito básico<sup>10</sup>. O único estudante de Filosofia da Ciência que considerou seriamente isso, o melhor entre os que tenho conhecimento, foi Victor Kraft que, em Viena, no ano de 1929, debateu esse conceito, evidenciando-o de forma geral como aceitável<sup>11</sup>.

O conceito se tornou extensamente conhecido para geógrafos de língua inglesa como resultado de sua apresentação, em 1939, na obra *The Nature of Geography* (A Natureza da Geografia), essencialmente através de Hettner<sup>12</sup>. Muitos geógrafos americanos e ingleses teriam essa definição como base para suas considerações sobre o lugar da Geografia no sistema das ciências.

Hettner, evidentemente, não presumiu ser seu, o conceito original. Num extenso artigo de 1905, ele expressou estar surpreso como a principal das ciências corológicas teria passado despercebida dos estudantes que se ativeram na classificação das ciências “embora vários metodólogos da Geografia tenham se declarado, durante muito tempo,

<sup>6</sup> Otto Schlüter, *Die Ziele der Geographie des Menschen* (Munich, 1906), pp. 53-6.

<sup>7</sup> “Methodische Streifzüge”, *Geographische Zeitschrift*, Vol. 13 (1907), pp. 627-32.

<sup>8</sup> George C. Chisholm, “The Meaning and Scope of Geography”, *Scottish Geographical Magazine*, Vol. 24 (1908), p. 567.

<sup>9</sup> P. Michotte, “L’Orientation nouvelle en Géographie”, *Boletim da Sociedade Real Belga de Geografia*, Vol. 45 (1921), p. 22.

<sup>10</sup> Hettner, *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (Breslau, 1927), pp. 110-17.

<sup>11</sup> “Die Geographie als Wissenschaft”, *Enzyklopädie der Erdkunde*, Teil: Methodenlehre der Geographie (Leipzig, Vienna, 1929), p. 8.

<sup>12</sup> Richard Hartshorne, *The Nature of Geography*, (Lancaster, Pa., 1939, 1946), pp. 140-142.

autorizando isso como um princípio da Geografia”<sup>13</sup>. Ele também notou que Kant tinha sugerido esse princípio em suas aulas de Geografia mas, de acordo com uma nota de página em um de seus artigos, acentuou que somente teve conhecimento desse fato após ter elaborado os seus próprios conceitos, quer dizer, muito tempo depois da elaboração de sua própria conceituação<sup>14</sup>. Na reimpressão de sua obra em 1927, ele introduziu uma comparação com o conceito de Kant para demonstrar a semelhança das idéias, mas sem qualquer implicação no conceito<sup>15</sup>. Em nenhum momento ele parece ter reconhecido qualquer conexão entre o seu conceito e o ponto de vista de Humboldt. A semelhança entre os dois foi demonstrada, primeiramente, por Döring em 1931<sup>16</sup>, e em 1939, nós demonstramos a semelhança de idéias de todos os três estudiosos - Kant, Humboldt e Hettner<sup>17</sup>. Posteriormente, alguns autores, usando os materiais expostos na obra *The Nature of Geography*, assumiram de forma geral que essa demonstração de similaridades estabelecia direta conexão entre os conceitos<sup>18</sup>. Mas o próprio Hettner não reconheceu tal conexão e ninguém ainda a estabeleceu.

O propósito do presente artigo, então, é localizar na história do conceito suas origens primeiras nas explanações de Hettner datadas em 1895 e 1905. Nossa preocupação não é meramente uma questão bibliográfica, mas também preocupação com um problema mais geral para compreender em que condições o ambiente de reflexões sobre o pensamento científico pode ter provocado a negligência de alguns estudiosos em determinado período, enquanto estudiosos posteriores acharam isso importante para suas reflexões.

<sup>13</sup> “Das System der Wissenschaften”, op. cit., p.273.

<sup>14</sup> “Das Wesen und die Methoden Geographie”, op. cit., p. 551.

<sup>15</sup> *Die Geographie...*, op. cit., p. 115.

<sup>16</sup> Lothar Döring, *Wesen und Aufgaben Geographie* bei Alexander von Humboldt, Franfurter Geographische Hefte (1931).

<sup>17</sup> *The Nature of Geography*, pp. 134-35, 140-42.

<sup>18</sup> Em várias partes deste estudo, o leitor poderá supor que as conclusões do autor foram baseadas em evidências adicionais porque as comparações entre Kant, Humboldt ou Hettner são citadas a partir dos originais, considerando cuidadosamente a comparação entre os textos para se demonstrar que eles foram utilizados inteiramente como fontes intermediárias.

## ANTES DE 1750

Antes do século dezoito, poucos estudiosos sentiram a necessidade de determinar o estatuto do campo geral de estudo de seu objeto de conhecimento; sua importância era suficientemente assegurada pelo interesse popular e por seu cunho de utilidade geral. Nesse século, porém, ocorreu um aumento do número de estudiosos interessados em estabelecer a Geografia como um campo integrante de conhecimento, no lugar de ser somente uma utilidade servil ao comércio e ao governo, ou subalterna à História. Eles pretendiam provar que a Geografia era semelhante e comparável à História não apenas como uma parte, mas coordenada com ela.

Essa semelhança foi reconhecida, por assim dizer, por muitos estudiosos de diversos países a tal ponto que nós podemos assumir que é prontamente observável como um fato empírico na literatura geográfica. Buscar sua primordial origem nos levará, sem dúvida, ao período da antiga Grécia, chegando a homens como Heródoto que escreveu sobre ambas, História e Geografia.

A afirmação que compara a Geografia e a História que eu encontrei pertence a J. M. Franz de 1747<sup>19</sup>. Na mesma época e além da afirmação, Franz e outros estudiosos daquele período reconheceram uma relação íntima entre Geografia e Astronomia, incluindo ambas sob um termo comum - Cosmografia. Realmente, a primeira Sociedade de Geografia da Alemanha, fundada por Franz, foi chamada *die Cosmographische Gesellschaft*<sup>20</sup> (A Sociedade Cosmográfica).

## KANT E HUMBOLDT-1756-1859

A mais antiga formulação que coloca a História e a Geografia não apenas comparadas uma com a outra, mas contrastantes sob o ponto de vista das ciências sistemáticas, cada uma se definindo em termos de categorias de fenômenos, é encontrada na conferência introdutória de um curso elementar de Geografia ministrado por Immanuel Kant, que ocorreu em Königsberg durante maior parte da segunda metade do século XVIII.

<sup>19</sup> Arthur Kühn, *Die Neugestaltung der deutschen Geographie im 18. Jahrhundert* (Leipzig, 1939), pp. 39, 41.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 45, pp.54 e seguintes.

O próprio Kant nunca publicou essas conferências, mas numerosas cópias manuscritas circularam entre estudiosos e pelo menos uma cópia foi enviada por Kant ao governo oficial de Berlim<sup>21</sup>. Mais de um século depois, Adickes achou anotações desses manuscritos do curso de Kant. Alguns deles serviram como base para que Rink, em 1802, publicasse as conferências de Kant<sup>22</sup>. Através da comparação dessas muitas versões, Adickes demonstrou que grande parte da publicação realizada por Rink, principalmente a última parte, está baseada em materiais usados por Kant nos primeiros anos de seu curso e que depois foram descartadas; já a primeira parte inclui declarações próprias da relação de Geografia com outras ciências, e representa a forma essencial que Kant teria apresentado em 1775 e nos anos posteriores<sup>23</sup>.

Há quase uma década antes da publicação das conferências de Kant, o mesmo conceito básico da natureza da Geografia como um campo de estudo era declarado por Alexander von Humboldt em sua primeira principal publicação, escrita em 1793, quando ele tinha 24 anos. Embora Humboldt tivesse se formado, principalmente, em cursos de Economia e Finanças de Governo em sua preparação para o trabalho administrativo no governo, seu interesse pessoal estava focado nos estudos da natureza particularmente voltados para Botânica e Geologia, e ele foi apresentado à Geografia por George Forster, um dos primeiros entre os chamados cientistas exploradores<sup>24</sup>. Ele sentia, evidentemente, a necessidade de estabelecer uma base lógica para a distinção entre a Geografia e as outras ciências. Ele marcou essa distinção numa longa nota de página, em seu

<sup>21</sup> Erich Adickes, *Untersuchungen zu Kants physische Geographie* (Tübingen, 1911), pp. 3, 35 e seguintes, pp. 280 e seguintes.

<sup>22</sup> *Immanuel Kant's physische Geographie*, editado por F. T. Rink (Königsberg, 1802). Embora Kant tenha autorizado essa edição, ele estava bastante senil para examinar o que foi incluído na obra. Uma publicação sem autorização, a versão feita por Gottfried Vollmer foi publicada em seis volumes, começando em 1801, mas foi baseada em parte menos expressiva das conferências de Kant. Cf. *The Nature of Geography*, pp. 38-39. Desde então, a edição realizada por Rink está totalmente disponível na coleção de trabalhos de Kant onde aparecem mudanças secundárias nos textos e as referências sobre esse aspecto serão indicadas mais adiante neste texto.

<sup>23</sup> Erich Adickes, *Ein neu aufgefundenes Kollegheft nach Kants Vorlesung über physische Geographie* (Tübingen, 1913), pp. 10-11, 67. Em vários parágrafos, nos quais o conceito de Geografia postulado por Kant em discussão neste artigo foi citado por completo na obra *The Nature of Geography*, pp. 134-35. Traduzindo a edição de Rink, eu incorporei correções de acordo com recomendações específicas feitas por Adickes, tendo como base seu exame dos manuscritos, mas este fato não é posto como comparação, mas como nota de página na edição de Rink, *Ibid.*, p.39.

<sup>24</sup> *Ibid.*, pp. 49-50.

artigo de 1793, indicando-a, subseqüentemente, em outros momentos quando apresentaram o seu conceito de Geografia tal como ocorreu quando ele republicou a mesma nota de página dentro de outro artigo, uma década depois, e novamente no *Kosmos*, cinqüenta anos depois de sua primeira publicação<sup>25</sup>.

Como essa conceituação de Humboldt data de 1793, ela é a publicação mais anteriormente conhecida do conceito em discussão e que só é encontrada em latim, língua em que Humboldt publicou seu primeiro trabalho, e é traduzida aqui por completo (através de uma cópia do original existente na Biblioteca de Congresso)<sup>26</sup>. A mais acessível republicação disponível do *Kosmos* difere ligeiramente em algumas formulações.

Geognosia (Erdkunde)<sup>27</sup> estuda natureza inanimada e natureza animada... corpos orgânicos e inorgânicos. Estes são divididos em três partes: rocha sólida, Geografia<sup>28</sup>, a qual Werner industriosamente divulgou; Geografia zoológica, cujas bases têm sido desenvolvida por Zimmerman; e a Geografia das plantas que nossos colegas não desenvolveram. Observações de partes individuais de árvores ou gramíneas, estas por nenhum meio poderão ser consideradas Geografia das plantas; basta a Geografia das plantas localizar as suas conexões e relações pelas quais todas as plantas estão juntas encadeadas entre elas, designando em que terras elas se encontram, em que condições atmosféricas elas vivem, levando em conta a desintegração das rochas e pedras através das formas primitivas das algas mais poderosas pelas raízes das árvores e descrever a superfície da terra na qual o húmus está preparado.

<sup>25</sup> Alexander von Humboldt, *Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*, Vol. I (Stuttgart, 1845), pp. 486-87.

<sup>26</sup> Alexander von Humboldt, *Florae Fribergensis Specimen* (Berlim, 1793), pp. 9-10.

<sup>27</sup> No original: “Geognosia (*Erdkunde*)”; ambos os termos foram tomados de Werner. Nomeando as três partes de “Geognosy” na frase seguinte, Humboldt usou *Geografia* para cada parte. No desenvolvimento subseqüente de nomenclatura das ciências, a Geognosia tornou-se um sinônimo da Geologia ou uma parte disso, considerando que Erdkunde veio a ser sinônimo de *Geografia*.

<sup>28</sup> “*Geographia oryctologica, quam simpliciter Geognosiam dicunt.*”

Isto é o que distingue o estudo<sup>29</sup> da Geografia da natureza falsamente, da chamada história da natureza; zoologia (zoognosia), botânica (phytognosia) e geologia (oryctognosia), todas formam as partes do estudo da natureza, abrigo que elas só estudam, pelas formas, anatomia, processos etc., de indivíduos animais, plantas, metais ou fósseis. A História da Terra, mais de perto afiliada com a Geografia do que com os estudos da natureza, mas ainda não realizados por ninguém; há estudos sobre os tipos de plantas e animais que habitavam a terra primitiva, as suas migrações e o desaparecimento da maioria deles, a gênese das montanhas, vales, formações de rochosas e jazidas de minério. . .

Em essência e em terminologia, essa declaração reflete o pensamento de Abraham Gottlob Werner, com quem estava Humboldt estudando na ocasião, na academia mineira, em Freiberg, na Saxônia. Durante as primeiras décadas de ensino, Werner separou os assuntos formalmente para que eles fossem lecionados em um curso sobre minerais ou de forma separada, ao que denominou de “oryctognosia”, e em um estudo sobre a formação das rochas e das formas das montanhas que denominou “geognosia” ou “Erdkunde” - em qualquer dos casos, literalmente, “o conhecimento da Terra”<sup>30</sup>. Humboldt amplia essa distinção no que diz respeito à Botânica e à Zoologia e, também, aparentemente, adiciona-a a uma comparação ao aspecto histórico da ciência natural.

Não há nenhuma semelhança na sentença e na estrutura entre essa declaração de Humboldt e a de Kant. Não obstante, podem ser reconhecidos ao menos três pontos de vista divergentes sobre ciência. Teria, então, sido a afirmação que Humboldt publicou em 1793, inspirada ou influenciada pelo conceito que Kant, que ele apresentava anualmente em suas conferências desde 1775?

É quase certo que não havia nenhuma conexão pessoal entre o jovem Humboldt e o venerável Kant. Durante o período em que eles

<sup>29</sup> “*Physiographia (Naturbeschreibung) historia naturalis perperam nuncupata*”. “Physiography”, naturalmente, veio ter um significado muito diferente.

<sup>30</sup> “Abraham Gottlob Werner”, in *Allgemeine deutsche Biographie*, Vol. 42, pp. 33-39; W. Blöde, “*Die Geschichte und die jetzigen Verhältnisse der Bergakademie*”, in *Festschrift zum hundertjährigen Jubiläum der königlichen sächsischen Bergakademie zu Freiberg* (Dresden, 1866), p. 9.

poderiam ter se encontrado, Kant nunca deixou Königsberg, e não há nenhuma menção de visita de Humboldt a Königsberg nas volumosas correspondências que registram suas viagens quando jovem pela Alemanha.

Porém, havia muitos outros modos entre os quais Humboldt poderia ter aprendido o conceito de Kant. Antes de iniciar sua vida universitária, ele e seu irmão mais velho, Wilhelm, ouviram muito da filosofia de Kant em trabalhos com a Física no círculo de intelectuais a que ambos tiveram acesso no período em que viveram em Berlim<sup>31</sup>. Os estudos realizados por Humboldt na Universidade de Frankfurt fizeram-no familiarizado com a Filosofia de Kant. Wilhelm, com quem tinha grande afinidade, era um grande admirador de Kant, “leu toda sua obra, viveu e se movia segundo o seu sistema”. Mas o próprio Alexander parece ter tido menor interesse no filósofo e, até mesmo, uma reação negativa a seu respeito<sup>32</sup>.

É possível que Humboldt tivesse visto uma das cópias dos manuscritos das conferências de Kant sobre Geografia, em Frankfurt, Göttingen ou Berlim. Mas parece improvável que estivesse interessado em cópias de manuscritos de conferências elementares - preparados e vendidos para apenas permitir que os estudantes passassem num curso, isto, em comparação com a grande quantidade de trabalhos impressos que tinham sido publicados por Kant.

Em todo caso, não há nenhuma evidência que as idéias de Kant sobre Geografia chamassem a atenção de Humboldt antes de 1793, ou que ele estivesse interessado na Geografia de Kant. Porém, nos anos posteriores, é quase certo que Humboldt fez uso de conceitos extraídos da publicação sobre Kant feita por Rink em 1802. Assim, nas conferências proferidas por ele em 1827-1828, se nós podemos confiar na edição publicada um século após, ele declarou que o título de sua obra “*Physische Weltbeschreibung*” (“descrição física da Terra”) foi extraído de Kant<sup>33</sup>. Mas, explicando esse título na própria publicação, em *Kosmos*, ele somente diz que era uma extensão da Terra para o universo em “*Die alte ausdrucksvolle*

<sup>31</sup> Karl Bruhns, ed., *A vida de Alexander von Humboldt*, traduzido por J. e C. Lassell (Londres, 1873), Vol. I, p. 40.

<sup>32</sup> Rudolf Borch, *Alexander von Humboldt: Sein Leben in Selbstzeugnissen, Briefen und Berichten* (Berlim, 1948), pp. 26-27, 32-33, 41.

<sup>33</sup> Alexander von Humboldt, *Vorlesungen über physikalische Geographie nebst Prolegomenen über Stellung der Gestirne, Berlin im Winter 1827-28*, editado por Miron Goldstein (Berlim, 1934), p.14.

*Bennennung physische Erdbeschreibung*” (“a denominação antiga expressiva de descrição física da Terra”) e nomes sem fonte específica<sup>34</sup>. Este, porém, é o termo usado na edição de Rink sobre as conferências de Kant, considerando que, como Adickes mostrou, Kant disse provavelmente “*Physische Geographie*” (Geografia Física) que Rink tinha mudado para a forma germânica<sup>35</sup>. Igualmente, o termo que utilizou, “*Physische Weltbeschreibung*”, Humboldt escreveu considerando a “*die Welt als Gegenstand des äusseren Sinnes*” (“o mundo como objeto do sentido externo”), colocando a frase entre aspas mas sem referências<sup>36</sup>; tal frase será encontrada na introdução das conferências de Kant<sup>37</sup>. Mais adiante foi demonstrado, em passagens posteriores, que Humboldt contrastou a visão dele de Geografia, ou Cosmologia, com o “sistema da natureza” de outras ciências da mesma maneira que Kant havia feito, e com considerável similaridade nas sentenças – mas ainda sem citar qual foi a fonte utilizada.

Humboldt: “Os registros ordenados sistematicamente de todas as formações orgânicas, os quais outrora denominávamos com o nome muito pomposo de Sistemas Naturais”... “os detalhes ... podem ser ordenados em classes e categorias lógicas.”<sup>38</sup>

Kant: “Se falo, por exemplo, raça de gado, ele é colocado sob sexo... ou sob categoria... assim, esta é uma organização que faço na minha cabeça, portanto, uma organização lógica. O Systema naturae é, igualmente, um registro do todo, onde eu coloco todas as coisas em sua classe apropriada.”<sup>39</sup>

<sup>34</sup> Humboldt, *Kosmos*, op. cit., p.52.

<sup>35</sup> Kant, op. cit., Sec. 2; Adickes, *Ein neu aufgefundenes Kollegheft*, op. cit., pp. 33-34. O termo “physische” não teve para os contemporâneos de Kant ou Humboldt o significado que nós associamos hoje com o “físico”- i.e., natural ou exclusivo do ser humano. Ao contrário, ambos esses estudiosos incluíram por detrás da palavra física, a Geografia das raças, dos idiomas e costumes dos povos. A aproximação mais íntima do conceito deles da “Geografia Física” em termos atuais seria o que os europeus denominam “Geografia Geral” e os americanos de “Geografia Sistemática”; cf. Döring, op. cit., pp. 15, 18; e *The Nature of Geography*, pp. 36, 43, 67, 76.

<sup>36</sup> *Kosmos*, op. cit., p. 52.

<sup>37</sup> Kant, op. cit., Sec. 2.

<sup>38</sup> *Kosmos*, op. cit., p.55, 66.

<sup>39</sup> Kant, op. cit., Sec. 4. De acordo com Adickes, op. cit., p. 35, Kant provavelmente não utilizou a palavra “*Class*”, mas foi isso que Humboldt deve ter lido na edição de Rink sobre as lições de Kant.

Humboldt: “Tais ordenações levam... como uma parte da descrição da natureza com o pretensioso título de Sistemas Naturais... como registros elas permitem apenas um volume formal; elas trazem mais unidade na representação do que no reconhecimento em si”.<sup>40</sup>

Kant: “No entanto, poderia se denominar por Sistemas da Natureza... mais corretamente, provavelmente, como agregados da natureza, pois um sistema já requer a idéia de um todo, que pode ser derivada da multiplicidade das coisas. Na realidade, ainda não temos nenhum *Systema naturae*. Nos assim denominados sistemas da variedade, as coisas apenas são colocadas juntas e ordenadas umas às outras”.<sup>41 42</sup>

Nós concluímos, então, que (1) anos mais tarde, Humboldt estudou as conceituações de Kant publicadas em 1802 e fez importante uso disso; (2) quando escreveu o próprio conceito em 1793, ele não teve acesso a quaisquer das inúmeras cópias dos manuscritos das conferências de Kant que circulavam pela Alemanha; (3) é perfeitamente possível que ele obteve conhecimento do conceito de Kant das muitas possíveis fontes existentes, mas nós não encontramos nenhuma evidência que ele tenha feito isso. É completamente possível, se não provável, que os dois homens chegaram a conclusões similares de forma independente.

<sup>40</sup> *Kosmos*, op. cit., p. 66.

<sup>41</sup> *Kant*, op. cit., Sec. 4.

<sup>42</sup> No original: Humboldt: “Die systematisch geordneten Verzeichnisse aller organischen Gestaltungen, die wirehemals mit dem allzu prunkvollen Namen von Natur-Systemen bezeichneten”. . . “Die Einzelheiten . . . können logisch in Klassen und Gattungen geordnet werden.”

Kant: “Sage ich z.B. die Rindeart wird unter das Geschlecht . . . oder unter die Gattung . . . gezählt, so ist das eine Einteilung, die ich in meinem Kopfe mache, also eine logische Einteilung. Die *Systema naturae* ist gleichsam ein Register des Ganzen, wo ich alle Dinge, in jedes in seine ihm eigenthümlich zukommende Klasse setze.”<sup>42</sup>

Humboldt: “Solche Anordnungen führen . . . als ein naturbeschreibender Teil, den anmassenden Titel von Natur-Systemen . . . als Verzeichnisse gewähren sie nur ein formelles Band; sie bringen mehr Einheit in die Darstellung als in die Erkenntnis selbst.”<sup>42</sup>

Kant: “Indessen durfte man die Systeme der Natur . . . richtiger wor Aggregate der Natur nennen, denn ein System setzt schon die Idee des Ganzen voraus, aus der die Mannigfaltigkeit der Dinge abgeleitet wird. Eigentlich haben wir noch gar kein *Systema naturae*. In den vorhandenen sogenannten Systemen der Art, sind die Dinge bloss zusammengestellt, und aneinander geordnet.”<sup>42</sup>

## OUTROS GEÓGRAFOS DA PRIMEIRA METADE SÉCULO XIX

É difícil demonstrar qual, entre as duas conceituações, a de Kant ou a de Humboldt, teve alguma influência significativa no pensamento de outros estudiosos naquele período. Houve o aparecimento de duas edições contraditórias do curso de Kant quando ele já se encontrava bastante senil para julgar qual seria autêntica ou confiável. A forma elementar das conferências era indubitavelmente inexpressiva e a maior parte de seu material estava claramente antiquada; permaneceu desse modo até que, um século mais tarde, foi descoberto pela pesquisa de Adickes, que constatou que para a segunda parte do volume, o editor tinha usado um manuscrito de Kant que já tinha quarenta anos.

A conceituação original de Humboldt, entretanto, publicada três vezes ao todo, aparece em cada uma delas em nota de página e em latim. As afirmações que fazia em suas conferências entre os anos de 1827-1828 não foram publicadas antes de um século, e a mais detalhada discussão que desenvolveu ficou escondida no meio da longa introdução que fez para o *Kosmos*, o que provoca confusão entre tantas outras questões que ele pretendia esclarecer.<sup>43</sup>

Em todo caso, a maioria dos estudiosos de seu tempo pode ter achado que a simples comparação com a História era adequada para assegurar o *status* da Geografia. O termo “ciência” ainda não tinha se tornado um fetiche que daria a autoridade mágica que adveio em razão de seu uso. Kant e Humboldt tinham sido, ambos, atraídos pela Geografia como estudo da natureza no lugar da História. Cada um deles também tinha uma visão universalista do campo do conhecimento e, conseqüentemente, interesse em clarificar a posição sobre o assunto que estavam apresentando em relação a todo campo do conhecimento. Poucos geógrafos, então, ou talvez agora, sentiram essa necessidade.

Carl Ritter, evidentemente, não sentia essa necessidade e, tão longe como eu posso pensar, não fez nenhuma tentativa para mudar a posição da Geografia em relação ao campo inteiro do conhecimento. Entretanto, ele expressou, muitas vezes, a comparação entre a Geografia e a História, e em um caso, ao menos, parece ecoar algo de Kant.

<sup>43</sup> Pp. 48-73.

Ritter: “O lado a lado das localidades... o um após outro dos acontecimentos ou da seqüência e desenvolvimento das coisas”.

Kant: “Acontecimentos, que se seguem... Acontecimentos que ocorrem no espaço lado a lado”<sup>44</sup>.\*

Igualmente explicando o interesse da Geografia em fenômenos que também são objetos de estudo nas ciências sistemáticas, o método de Ritter expressou, mais tarde, a preocupação semelhante à declaração de Humboldt:

Ritter: “de acordo com os tecidos, formas e forças inerentes dos materiais em si”<sup>45</sup>.

Humboldt: “formas, anátomas, *vires scutantur*”<sup>46\*\*</sup>

Ritter também deveria ter registrado e reconhecido a semelhança lógica entre a Astronomia e a Geografia<sup>47</sup>.

Na literatura sobre método à época de Humboldt e Ritter, e até depois da metade do século, nós achamos uma publicação que mostra a clara indicação da familiaridade com as declarações que Kant e Humboldt tinham feito em relação ao lugar da Geografia entre as ciências. Em um pequeno ensaio publicado em 1834, Julius Fröbel confirmou o conceito em condições que para nós são mais esclarecedoras de que Humboldt, de forma mais completa que Kant, pois ele reconhece a Geografia como sendo uma parte de um grupo de “ciências espaciais”, a “ciência cosmográfica”<sup>48</sup>.

Embora esta afirmação seja apresentada sem suas fontes referenciais, em outro lugar, no mesmo ensaio de Fröbel, aparecem

---

<sup>44</sup> No original: Ritter: “Das Nebeneinander der Örtlichkeiten... das Nacheinander der Begebenheiten oder der Aufeinanderfolge und Entwicklung der Dinge”<sup>44</sup>

Kant: “Begebenheiten, die aufeinander folgen... Begebenheiten, die neben Einander im Raum vor sich gehen.”

\*\* No original: Ritter: “nach den Stoffen, Formen und inwohnenden Kräften des materials an sich.”

Humboldt: “formas, anatomien, *vires scutantur*.”

<sup>45</sup> op. cit., p. 45.

<sup>46</sup> *Florae Fribergensis Specimen*, loc. cit.

<sup>47</sup> Op. cit., p. 50.

<sup>48</sup> “Entwurf eines Systemes der geographischen Wissenschaften”, *Mitteilungen aus dem Gebiete der theoretischen Erdkunde*, Vol. 1 (1834, publicado em Zurique, 1836), pp. 15-16.

referências de outras passagens da introdução de uma conferência feita por Kant, da mesma forma como citou Humboldt em 1793<sup>49</sup>. Nós podemos creditar a Fröbel, entretanto, como sendo o primeiro escritor e, de longe, como acreditamos, o primeiro e mais recuado escritor que podemos encontrar até os primórdios de 1939 que reconheceu a essencial semelhança das proposições de Kant e Humboldt. Nós sabemos, porém, através de sua autobiografia, que ele debateu pessoalmente com Humboldt sobre a Geografia, alguns anos antes, em Berlim<sup>50</sup>, de forma que ele pode ter aprendido sobre tal semelhança por meio, mesmo, do próprio Humboldt. Em todo caso, ele foi o primeiro a colocar juntas as duas posições teóricas.

Porém, ninguém parece ter notado a própria posição teórica que apresentava. Fröbel permaneceu na profissão somente alguns poucos anos durante os quais ele conseguiu estabelecer uma reputação promissora, mas um crítico imaturo da metodologia - particularmente o resultado de um debate publicado que teve com Ritter<sup>51</sup>. Poucos leitores poderiam se arriscar apontando sua posição teórica escondida no meio de quase cinquenta páginas de seu ensaio no qual elabora uma nova estrutura para a Geografia - um ensaio sepultado em seu nascimento através de uma publicação em um jornal fundado pelo autor, na Suíça, que teve curta duração<sup>52</sup>.

Quarenta anos depois, Hermann Wagner chamou atenção para o longo esquecimento em que caiu esse ensaio e, como exemplo de como esse tipo de estudo ficou sem qualquer efeito para o desenvolvimento do pensamento geográfico, Wagner não fez menção a essas conceituações<sup>53</sup>. Depois disso, parece que tal ensaio foi quase completamente negligenciado. Uma cópia que tivemos a oportunidade de ver repousava no Instituto Smithsonian e na Biblioteca de Congresso durante um século com suas páginas intocadas.

---

<sup>49</sup> Ibid., pp. 5, 12, 30, 123.

<sup>50</sup> *The Nature of Geography*, p. 73.

<sup>51</sup> Ibid., pp. 72-73, 102-6.

<sup>52</sup> Ibid., p. 104

<sup>53</sup> “Bericht über Die Methodik der Erdkunde”, *Geographisches Jahrbuch*, Vol. 7 (1878), pp. 621-22.

## NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO DEZENOVE

Durante a segunda metade século XIX, as conceituações sobre a Geografia de Humboldt e de Kant tiveram seu lugar completamente esquecido entre as ciências.

Isso, em parte, é reflexo da completa descontinuidade da formação de geógrafos na universidade após as mortes de Humboldt e Ritter, ambos em 1859. Humboldt nunca teve uma posição como professor e nem foi indicado um sucessor para a vaga que Ritter ocupava na cátedra de Geografia. Quando a posição de professor em Geografia foi instaurada na maior parte das universidades alemãs depois de 1871, as vagas foram ocupadas por homens que não tiveram a formação de geógrafos<sup>54</sup>. A compreensão que tinham no campo da metodologia fazia desses professores dependentes da literatura existente, particularmente os bem conhecidos ensaios de Carl Ritter. Esses ensaios foram discutidos por estudiosos como Peschel, Marthe e Ratzel<sup>55</sup>. Mas, quanto ao pensamento de Ritter, como nós já indicamos, era consistentemente ligado ao conceito divulgado por Humboldt e Kant, e ele não teria expressado diretamente esse conceito em seus próprios escritos nem teria informado aos seus leitores que eles pertenciam a Humboldt ou ao trabalho de Kant.

A obra de Humboldt foi considerada de grande importância, primeiramente, pelas descrições dos países que visitou. A partir de seus escritos, vários estudiosos empreenderam esforço para induzir a sua metodologia, mas negligenciaram o conceito que sustentava esta metodologia. Assim, por volta de 1927, Hettner afirmou, em sua História da Geografia, que Humboldt nunca se interessou pela metodologia da Geografia e que o trabalho mais famoso na sua velhice, o *Kosmos*, não era expressamente um trabalho geográfico, visto que combinou Geografia Geral (Geografia Sistemática) com Astronomia<sup>56</sup>.

A reapresentação do conceito por Fröbel, como apontamos anteriormente, parece ter se perdido quase completamente, pois em vista da freqüente menção ao nome de Kant na moderna discussão da natureza da Geografia pode parecer surpreendente que os geógrafos do século XIX tenham prestado tão pouca atenção ao que ele indicou sobre o assunto. Várias razões contribuíram para que isso ocorresse.

<sup>54</sup> *The Nature of Geography*, pp. 86, 106.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>56</sup> Hettner, *Die Geographie...*, op. cit., p. 85.

Os estudiosos dos trabalhos publicados por Humboldt e Ritter não acharam nenhuma razão para buscar no filósofo Kant suas idéias sobre a Geografia. Se, cada um desses mestres, como nós sugerimos, tivesse usado em seus escritos as idéias e frases particularmente escritas por Kant, nenhum deles mencionou a sua fonte. Substanciais materiais publicados de suas aulas ou em seu nome não ofereceram nada de mais valioso. Kant também tinha publicado alguns estudos de pesquisa individuais sobre a origem dos ventos, vulcanismo etc., mas nem Humboldt nem Ritter, até onde pudemos ter acesso, mencionaram esses estudos.

Realmente, há uma importante e negativa evidência que ambos os fundadores da moderna Geografia viraram as costas para os escritos do filósofo. Ambos tinham seus pensamentos dominados pela abordagem empírica do conhecimento e destruíram o pensamento dedutivo da *Natur Philosophie*<sup>57</sup> (Filosofia da Natureza). Na base de um exame detalhado de muitas referências a Kant no *Kosmos*, Lind demonstrou que, enquanto Humboldt explanava repetidamente sobre “o grande filósofo”, sua posição foi de freqüente ataque às teorias científicas de Kant, o que Lind assegurou, incorretamente. Se as teorias astronômicas que estabeleceu Kant foram realizadas através de cuidadosos cálculos, Humboldt descreveu como “divinas”, “suspeitas” ou “sonhadoras”<sup>58</sup>.

A explicação pessoal que Lind sugere é um exemplo de inveja de um grande homem por outro e, próximo ao que acontece atualmente<sup>59</sup>, é mera conjectura e dificilmente plausível. Na realidade, os dois não eram contemporâneos, visto que Kant morreu antes de Humboldt se tornar importante. Num momento posterior, Humboldt revelou não ter tido nenhuma relação com um homem de tão destacada posição, como é apontado, especialmente, sobre as reflexões da obra de Ritter<sup>60</sup>.

<sup>57</sup> *The Nature of geography*, pp. 54, 72; Bruhns, *Life of Alexander von Humboldt*, op. cit., pp. 196-97, 205; Döring, op. cit., pp. 27, 43-6.

<sup>58</sup> P. von Lind, “Immanuel Kant und Alexander von Humboldt: eine Rechtfertigung Kants und eine historische Richtigstellung”, *Zeitschrift für Philosophische und philosophische Kritik*, Vol. 106 (1895), pp. 68 e seguintes, p. 256-257, 266-267, 270 e seguintes, Vol. 107 (1896), pp. 28 e seguintes. Enquanto as numerosas comparações de Lind demonstraram por completo que Humboldt foi pouco justo com o trabalho científico de Kant, Kaminsky adverte que Lind foi levado por sua “veneração entusiasmada” por Kant a fazer numerosos exageros injustos sobre Humboldt; ver Willy Kaminski, *Ueber Immanuel Kants Schriften zur physischen Geographie* (Königsberg, 1905), p. 13.

<sup>59</sup> Op. cit., Vol. 106 (1895), pp. 51-2.

<sup>60</sup> *The Nature of Geography*, pp. 53-54.

Não obstante, se nós combinarmos os fatos que Lind apresenta de Humboldt sobre sua descrença nas reflexões do trabalho científico de Kant, como o fato de que quando ele usou as idéias de Kant relativas à Geografia, até mesmo com aspas, ele não mencionou o nome de Kant<sup>61</sup>, dificilmente escaparemos da conclusão de que Humboldt foi motivado quase que pela depreciação do trabalho científico do filósofo. Por que ele teria feito isso?

Em sua juventude, Humboldt foi fortemente influenciado pela filosofia da natureza de Goethe e, durante algum tempo, mostrou interesse pelo sistema expressado pelo filósofo Schelling. Mas o subsequente desenvolvimento de uma Filosofia natural que deslocaria a observação e a experiência sobre a razão pura e as idéias abstratas moveram-no no sentido de condená-lo a ser um ventríloquo que ele chamava de “mad saturnalia”, num “baile de máscara correndo para a loucura”<sup>62</sup>. Ele poderia, efetivamente, arruinar essa escola, colocando suas realizações em descrédito com respeito às contribuições científicas do eminente filósofo.

Por muitas razões, o trabalho de Kant e seu interesse pela Geografia foi vastamente ignorado por mais de um século após sua morte. Na mais detalhada história do desenvolvimento da Geografia antes do século XIX, período no qual Peschel, Wisotzki e Gunther publicaram na segunda metade do século, raras referências aos estudos de Kant sobre o seu lugar na Geografia o comparam com alguns de seus discípulos de menor respaldo<sup>63</sup>. Richthofen, escrevendo em 1903, refere-se ao trabalho de Kant em Astronomia, mas não menciona seu trabalho sobre Geografia<sup>64</sup>. Um histórico ensaio de Hettner, de 1898, não faz menção a Kant<sup>65</sup>. O estudo mais completo da “História da Geografia”, em 1927, menciona Kant

<sup>61</sup> Isto é, em nenhum trabalho que o próprio Humboldt publicou. Na edição da Berlim, publicada um século depois, foram incluídas algumas notas dos ouvintes das aulas de Kant, como fonte dos subtítulos da cosmografia em ambas as edições das suas conferências sobre Geografia, mas que devem ter sido adicionadas pelos editores; Humboldt, *Vorlesungen...*, op. cit.

<sup>62</sup> Humboldt, *Kosmos*, op. cit., pp. 68-9; Bruhns, *Life of Alexander von Humboldt*, op. cit., pp. 201-5.

<sup>63</sup> Oscar Peschel, *Geschichte der Erdkunde bis auf Alexander von Humboldt und Carl Ritter* (Munich, 1877); Emil Wisotzki, *Zeitströmungen in der Geographie* (Leipzig, 1897); Siegmund Günther, *Geschichte der Erdkunde* (Leipzig, 1904).

<sup>64</sup> Ferdinand Frh. von Richthofen, “Triebkräfte und Richtungen der Erdkunde im neunzehnten Jahrhundert”, der *Zeitschrift Gesellschaft für Erdkunde*, Berlim, Vol. 38 (1903), pp. 672, 679.

<sup>65</sup> Alfred Hettner, “Die Entwicklung der Geographie im 19. Jahrhundert”, *Geographische Zeitschrift*, Vol. 4 (1898), pp. 305-20.

somente por ter precedido Laplace na elaboração da hipótese nebulosa da origem planetária e por ter dado curso de Geografia<sup>66</sup>.

Isto pode decorrer de conflitos entre cientistas empíricos e dos filósofos da natureza *a priori* que triunfaram na segunda metade do século XIX e que a fama de Kant tenderia a obscurecer seus trabalhos científicos. Quando, depois, foi demonstrado que seus estudos sobre a teoria astronômica tiveram contribuições de excelente importância<sup>67</sup>, então, vários geógrafos foram estimulados a examinar seus breves estudos em Geografia, mas falharam em encontrar neles contribuições significantes para um conhecimento substantivo<sup>68</sup>. Conseqüentemente, eles não foram motivados a considerar suas proposições sobre a posição da Geografia entre as demais ciências.

Não obstante, mesmo as várias proposições de Kant e Humboldt e a de Fröbel, que existiam na literatura então publicada, não foram suficientes para chamar a atenção dos geógrafos. É exagerado assumir que nenhum geógrafo as viu; no entanto, assumimos que qualquer um que as tivesse lido, fracassou em dar respostas favoráveis. As razões para que isso ocorresse podem ser encontradas no caráter do desenvolvimento da Geografia e da ciência, de forma geral, na segunda metade do século XIX.

Como indicamos anteriormente, quando a Geografia tornou-se permanente nas universidades alemãs, isso foi promovido, em grande parte, por homens habilitados em outros campos dentro de uma grande variedade de ramos de estudo. A conseqüência foi uma confusão metodológica – e um vigoroso debate<sup>69</sup>. Essa confusão na Geografia ocorreu, também, por certas características do desenvolvimento geral da ciência num notável período quando houve uma enfática e arbitrária

<sup>66</sup> *Die Geographie...*, op. cit., pp. 68, 71.

<sup>67</sup> W. Hastie, *Cosmologia de Kant* (Glasgow, 1900), pp. xvii e seguintes, xv e seguintes.

<sup>68</sup> Vários desses estudos sobre o trabalho de Kant foram revistos com alguma profundidade na dissertação de Kaminski em 1905, op. cit., pp. 6-21. No mesmo ano, a maior parte dos estudos sobre Kant em Geografia foi publicada por Gerland que concluiu ter sido Kant menos considerado por suas positivas contribuições para a Geografia do que foi considerado por estabelecer conclusões geográficas significantes em sua filosofia; George Gerland, “Immanuel Kant, seine geographischen und anthropologischen Arbeiten”, *Kant-Studien*, Vol. 19 (1905), pp. 508 e seguintes.

<sup>69</sup> Ernst Plewe, “Vom Wesen und den Methoden regionalen Geographie”, *Studium Generale*, Vol.5 (1952), p 411; Johann Sölch, “Die wissenschaftliche Aufgabe der heutigen Geographie”, *Almanach der Oesterreichischen Akademie der Wissenschaften*, Vol. 98 (1948), pp. 146-47.

separação entre a natureza e o homem, que os primeiros estudiosos não tinham aceitado, e a visão míope de que o propósito final da ciência era a construção de leis.

A nova geração de geógrafos que trouxe conceitos dos campos em que eles não haviam sido treinados produziu uma dupla forma de dualismo na Geografia. A Geografia Física – distinta por ser um estudo da origem e desenvolvimento das formas do relevo - poderia reivindicar seu lugar entre as ciências naturais e aplicar leis científicas. A Geografia Humana, ao contrário, não somente se manteve distante da base da Geografia Física, mas deu enfoque ao estudo de áreas particulares, o que não poderia conduzir à elaboração de nenhuma lei e, conseqüentemente, tornou-se não científica. Ratzel demonstrou que esse contraste foi desnecessário por colocar os fundamentos da Geografia Humana Sistemática como uma ponte messiânica entre a ciência natural e estudos menos consolidados das ciências sociais. Contudo, esse ponto de vista dual prevaleceu, não deixando espaço para o conceito de Geografia que tinham formulado Kant e Humboldt. Gerland poderia ter lido as proposições de Kant e passar isso adiante sem notar nada de valioso, como fez em 1905<sup>70</sup>.

Esses debates, entretanto, ultimamente conduziram para uma substituição do ponto de vista dualístico para uma orientação unificada da Geografia. Isto foi efetivamente afirmado por Richthofen em Leipzig em seu ensaio inaugural de 1883, em que reconheceu e restaurou o ponto de vista que era amplamente comum nos trabalhos de Humboldt e Ritter que, subseqüentemente, tornou-se amplamente aceito entre os geógrafos alemães como sendo a proposição programática da Geografia moderna<sup>71</sup>.

Nem nesse nem em qualquer outro artigo, Richthofen referiu-se ao conceito do lugar da Geografia entre as ciências, mas sua discussão da natureza e do escopo da Geografia é consistente com aquele conceito. Nós sabemos que ele, e Hettner que o estudou, leram amplamente os trabalhos substantivos de Humboldt. Até onde foi cada um deles influenciado pelo ponto de vista metodológico dos estudos de Humboldt? Dificilmente poderíamos esperar uma resposta para esta pergunta. Mais significativa é o efeito lógico do restabelecimento da primeira orientação. Para a reafirmação da Geografia como um campo integrado e unificado independente da divisão que se estabeleceu entre as ciências da natureza e das ciências sociais, inevitavelmente, levantaram-se questões sobre como a

<sup>70</sup> Op. Cit., pp.502-3.

<sup>71</sup> Sölch, op. cit., p. 147; Hettner, *Die Geographie...*, op. cit., p. 106; *The Nature of Geography*, pp. 91, 116, 121, 136.

Geografia poderia ser logicamente inserida num completo sistema de conhecimento dentro de uma classificação lógica das ciências.

HETTNER, 1895-1927

Para Hettner, que havia estudado Filosofia tão bem quanto Geografia - e tendo sempre aceitado a Filosofia - é natural buscar respostas para essa pergunta. Ele tinha estudado com Richthofen antes e depois de seu primeiro conjunto de proposições em Leipzig e durante o trabalho de campo que realizou na América do Sul<sup>72</sup>. Enquanto ele admitia as proposições de Richthofen, achou que não havia nenhuma resposta para essa questão de cunho geral. Ele não nos indicou as fontes de seus pensamentos, mas evidentemente encontrou o conceito que delimitava a Geografia como corográfica, do mesmo modo que Richthofen tinha adotado, de Marthe e de outros autores, aquilo que consistia na comparação essencial com a História numa contraposição com as ciências sistemáticas. Antes mesmo das afirmações de Richthofen, Wagner destacou-se entre aqueles geógrafos que fundaram o conceito básico da Geografia como um ramo independente por seu “objeto” que, estudado de forma isolada, definiu-se por ser um distinto método de estudo<sup>73</sup>.

Através da discussão metodológica da última parte do século, a mais próxima abordagem do conceito de Hettner que encontramos pertence ao geógrafo italiano Dalla Vedova, publicado em 1881 e discutido no ano seguinte por Wagner em *Geographisches Jahrbuch* (Anais Geográficos), discussão que, acreditamos, Hettner, num dado momento, provavelmente tomou conhecimento. As ciências sistemáticas estudam seu objeto sob três pontos de vista: “estático”, segundo o tipo de fenômeno; “dinâmico”, segundo o modo de sua existência e desenvolvimento ao longo do tempo; “corológico”, segundo sua existência coletiva no espaço. O terceiro ponto de vista apresenta-se como um campo aberto para a Geografia<sup>74</sup>. O artigo original, que é bem documentado, não indica conexões anteriores entre as afirmações de Kant nem de Humboldt<sup>75</sup>, nem se assemelha às proposições feitas por Hettner, salvo sobre o reconhecimento dos três pontos de vista.

<sup>72</sup> Heinrich Schmitthenner, “Alfred Hettner”, in Alfred Hettner, *Allgemeine Geographie des Menschen* (Stuttgart, 1947), Vol. 1, xi-xxxiv.

<sup>73</sup> Hermann Wagner, “Bericht über die methodik Erdkunde”, *Geographisches Jahrbuch*, Vol. 9 (1882), p. 678.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 680.

<sup>75</sup> G. Dalla Vedova, “Il Concetto Popolare e il Concetto Scientifico della Geografia”, *Bulletino della Società Geografica Italiana*, Vol. 18 (1881), pp. 5-27.

Não há nenhuma razão para supor que Hettner tivesse analisado o obscuro ensaio de Fröbel restabelecendo o conceito de Kant e Humboldt. A única menção que o autor fez e que nós podemos encontrar nos escritos de Hettner, encontra-se em uma nota de página onde ele declara que excluiu visões metodológicas que não teriam efeito para desenvolvimento posterior, tal como a “proposta metodológica de Frobe<sup>1776</sup> - presumivelmente aquela contida em seu debate com Ritter<sup>77</sup>”.

De acordo com sua própria afirmação, como registrado anteriormente, Hettner ao escrever seu conceito básico em 1905, desconhecia o fato de Kant ter um ponto de vista similar de Geografia como uma ciência à parte. A comparação das duas proposições não permite mostrar similaridade em sua organização<sup>78</sup>.

Igualmente, Hettner não aparenta ter tomado conhecimento de que Humboldt apresentou essencialmente o mesmo conceito. Ele não teria qualquer razão para observar no estudo de Humboldt sobre vegetações subterrâneas, publicada em latim, onde o conceito é inserido em uma extensa nota de página. Em discussões posteriores, na obra *Kosmos*, Humboldt interessou-se por estabelecer uma ciência singular da Cosmologia, incluindo a Geografia e a Astronomia Geral (Sistemática), onde Hettner considerou a Astronomia e a Geografia como ciências separadas e que cada uma se interessaria por uma diferente parte do espaço. Posteriormente, o conceito de Humboldt sobre a porção terrestre de sua Cosmologia incluiu todo o corpo terrestre, considerando que Hettner seguiu a prática de Ritter e a maioria dos geógrafos com menor alcance como sendo um campo de estudo da fina camada externa do planeta – “a superfície de Terra”. Finalmente, a Cosmologia de Humboldt separou-se da Geografia Geral ou Sistemática, que foi incluída em sua Cosmologia, uma Geografia Especial ou Regional, considerando que Hettner e Richthofen e a maioria dos geógrafos, desde Varenius, incluíram ambas num único campo de estudo da Geografia.

Conseqüentemente, enquanto Hettner acreditou que seu ponto de vista da Geografia consistia, de forma geral, em como era expressado nos trabalhos substanciais de Humboldt, podemos acreditar (por nós recebida via correspondência) na sua formulação do conceito da posição da Geografia entre as demais ciências tal como propôs Humboldt. Certamente, não há semelhança na forma das frases e estrutura da

<sup>76</sup> Hettner, “Die der Entwicklung der Geographie im 19. Jahrhundert” op. cit., p. 305.

<sup>77</sup> Ver nota 66.

<sup>78</sup> *The Nature of Geography*, pp.134-35, 140-42.

formulação. A visão pessoal de Hettner, considerando toda sua contribuição para o desenvolvimento da metodologia na Geografia, sem nenhuma dúvida se aplica a este caso específico: “Minha própria importância na construção da metodologia da Geografia foi exagerada; eu só acredito que expressei e estabeleci metodologicamente o presente no campo de seu desenvolvimento<sup>79</sup>”.

#### A RE-DESCOBERTA DOS CONCEITOS DE KANT E HUMBOLDT - 1905 - 1939

O desenvolvimento do pensamento metodológico na Geografia alemã do fim de século XIX contribuiu, sem dúvida, para o longo esquecimento das formulações feitas por Kant que só foram redescobertas quando Hettner estava escrevendo as bases de seu enunciado em 1905. A observância do centésimo aniversário da morte de Kant permitiu a Friedrich Hahn, professor de Geografia em Königsberg que havia sido iniciado em seus trabalhos por Richthofen, em Leipzig, um reexame dos trabalhos geográficos de seu famoso antecessor. Ele compreendeu, e seu discípulo Kaminsky demonstrou em sua tese de doutorado, que a importância de Kant não pode ser buscada em seus poucos e substantivos estudos, mas em seus ensinamentos, em particular em sua apresentação do caráter particular da Geografia em relação a todo o campo do conhecimento<sup>80</sup>. A dissertação de Kaminsky chamou a atenção de Hettner, a tempo de ser mencionada em nota de página, de que o filósofo geógrafo tinha chegado ao mesmo conceito do geógrafo filósofo registrando como bem vinda a validação da confirmação desse conceito. Incorporando tal ensaio em sua publicação de 1927, Hettner repetiu esta confirmação em nota de página reafirmado em um parágrafo e adicionando um texto em que cita Kant<sup>81</sup>.

Três anos após a publicação do volume de Hettner, em 1927, outra tese de doutorado, realizada por Döring, em Frankfurt, trouxe consigo, pela primeira vez, a formulação metodológica que foi divulgada em vários trabalhos de Humboldt<sup>82</sup>. Enquanto Döring compara essa particularidade

<sup>79</sup> “Neue Angriffe auf die heutige Geographie”, *Geographische Zeitschrift*, Vol. 40 (1934), p. 382.

<sup>80</sup> Willy Kaminski, *Ueber Immanuel Kants Schriften zur physischen Geographie. Ein Beitrag zur Methodik der Erdkunde* (Dissertação; Königsberg, 1905), pp.15, 39.

<sup>81</sup> *Die Geographie...*, op. cit., pág. 115.

<sup>82</sup> Lothar Döring, *Wesen und Aufgaben der Geographie bei Alexander von Humboldt, Frankfurter Geographische Hefte* (1931).

com a visão de Hettner e encontra nela essencial similaridade, ele não olha para trás até a formulação de Kant. Um pouco depois, foram publicadas as conferências de Humboldt no inverno de 1827-1828 pela primeira vez.

Com todos esses materiais em mãos, foi-nos possível, em 1939, conhecer as formulações do conceito de Hettner, não somente com a adição completa da formulação de Kant, mas com o delineamento em Humboldt para uma confirmação a mais<sup>83</sup>. Nossa conclusão é que os três estavam essencialmente de acordo com a visão sobre o papel da Geografia como ciência que foi, desde então, sendo aceita por escritores germânicos.<sup>84</sup>

## CONCLUSÃO

Kant foi o primeiro alemão que, de longe, estabeleceu o conceito que estamos considerando. Mas suas formulações não tiveram *direta* influência no moderno pensamento geográfico que não seja como confirmação. Pode ter tido uma influência indireta através de conexões parciais: em menor grau apenas em Ritter, possivelmente em maior grau efetivamente através do pensamento de Humboldt e, só assim, e apenas possivelmente, no pensamento de Richthofen e Hettner. Em cada caso, entretanto, é bastante possível que não houve, de fato, nenhuma conexão. Em geral, parece provável que as formulações originais de Humboldt em 1793 fossem independentes do conceito que Kant tinha apresentado em suas aulas desde 1775, mas que só foram publicadas em 1802.

Enquanto Hettner indicou que a sua conceituação foi intrínseca ao desenvolvimento do ramo de estudo e conseqüentemente estava, pelo menos em parte, presente no pensamento de seus colegas, ele não foi, de nenhum modo, desatento a nenhuma fonte particular e nem foi possível delinear seu conceito anteriormente aos de Humboldt ou Kant. Mais apropriadamente, se nós podemos parafrasear seu pensamento, o conceito existiu dentro do seu desenvolvimento histórico desde o primórdio desse campo e vários ou muitos estudiosos podem ter reformulado isto de modo independente. Sua importância presente no pensamento mundial dos geógrafos, porém, ocorreu em grande parte por causa da obra de Hettner.

<sup>83</sup> *The Nature of Geography*, pp. 134-35.

<sup>84</sup> Ernst Plewe, "Vom Wesen und den Methoden der Regionalen Geographie", *Studium Generale*, Vol. 5 (1952), pp. 411, 415; Hermann Lautensach, *Über die Begriffe Typus und Individuum in der geographischen Forschung*, Münchner Geographische Hefte (1953), p. 9.

Indiferentemente de quem ou quando se formulou, o conceito foi ignorado quando os geógrafos consideraram seu objeto em termos de uma visão trazida de outras ciências, em particular aquela das ciências naturais e sociais. Só se encontrou uma resposta receptiva quando os geógrafos consideraram seu objeto em termos de suas intrínsecas características próprias.

As características intrínsecas da Geografia são o produto dos esforços dos homens para conhecer e compreender as combinações de fenômenos tal como eles existem numa inter-relação de áreas em seu mundo. Tais características são, no entanto, independentes de qualquer conceito particular do objeto, quicá eles formam o fato empírico tal como o conceito deve ser, profundamente, fundamentado. A aceitação do conceito não é um caminho essencial para o estudo geográfico, mas é valioso para os estudiosos que desejam compreender a natureza do ramo que trabalham em relação e em comparação com os outros ramos de conhecimento.

Em particular, os primeiros geógrafos teriam observado que o trabalho em seu ramo de estudo difere das outras ciências de acordo com os seguintes aspectos: (1) o fato de que a Geografia não possui uma categoria particular de objetos ou fenômenos com objeto específico de estudo, mas estuda uma multitude de coisas heterogêneas integradas em uma área; (2) a Geografia não pode ser classificada como uma ciência natural ou ciência social, nem simplesmente como uma ponte entre os dois grupos, mas como um estudo de combinação, no qual ambos os tipos de fenômenos estão integrados em áreas; (3) os estudos em Geografia requerem o uso de dois métodos de estudo notadamente diferentes: a abordagem sistemática de certas categorias de relações no mundo ou em qualquer grande parte dele, Geografia Geral ou Sistemática; e o estudo da totalidade inter-relacionada de fenômenos compreendidos numa área particular, Geografia Regional ou Especial; e (4) enquanto Geografia comparada com outras ciências é correlacionada com o desenvolvimento e a aplicação genérica de conceitos e princípios gerais ou leis científicas, e isto se compara com a História quando se está preocupado com o amplo grau de conhecimento e compreensão de casos únicos.

Como esperamos demonstrar em detalhes, em um estudo futuro, o conceito estabelecido por Kant e Humboldt e, mais profundamente exposto por Hettner, proporciona uma explicação razoável dos fatos empíricos sobre o campo da Geografia. Conseqüentemente, é apropriado sugerir, como Hettner, que esse conceito não pode ser considerado como

uma invenção de um homem qualquer ou de um pequeno número de estudiosos mas, mais propriamente, com maior ou menor reconhecimento consciente da incontável quantidade de geógrafos que procuraram uma estrutura comum de referência para seus trabalhos.